



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO **AUDIÊNCIA GERAL** Sala Paulo VI

Quarta-feira, 14 de outubro de 2020 [\[Multimídia\]](#)

Catequese - 10. A oração dos Salmos. 1

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

À medida que lemos a Bíblia, deparamo-nos continuamente com orações de vários tipos. Mas também encontramos um livro composto apenas de preces, um livro que se tornou pátria, ginásio e casa de incontáveis orantes. Trata-se do *Livro dos Salmos*. São 150 Salmos para recitar.

Faz parte dos livros sapienciais, porque comunica o “saber rezar” através da experiência do diálogo com Deus. Nos salmos encontramos todos os sentimentos humanos: alegrias, tristezas, dúvidas, esperanças e amarguras que coloram a nossa vida. O *Catecismo* afirma que cada salmo «é de tal sobriedade que pode, com verdade, ser rezado pelos homens de qualquer condição e de todos os tempos» (CIC, n. 2588). Ao ler e reler os salmos, aprendemos a linguagem da oração. Efetivamente, com o seu Espírito, Deus Pai inspirou-os no coração do rei David e de outros orantes, para ensinar cada homem e cada mulher a louvá-lo, a dar-lhe graças, a suplicá-lo, a invocá-lo na alegria e na tristeza, a narrar as maravilhas das suas obras e da sua Lei. Em síntese, os salmos são a palavra de Deus que nós, humanos, usamos para falar com Ele.

Neste livro não encontramos pessoas etéreas nem abstratas, pessoas que confundem a oração com uma experiência estética ou alienante. Os salmos não são textos compostos de forma teórica, são invocações, muitas vezes dramáticas, que nascem da experiência viva da existência. Para os recitar basta ser quem somos. Não nos devemos esquecer que para rezar bem devemos orar assim como somos, sem nos maquilharmos. Não é preciso maquilhar a alma para rezar. “Senhor, sou assim”, ir diante do Senhor como somos, com as coisas boas e também com as más que ninguém conhece, mas nós, dentro, conhecemos. Nos salmos ouvimos as vozes de orantes de carne e osso, cuja vida, como a de todos, está repleta de problemas, dificuldades e incertezas. O salmista não contesta radicalmente este sofrimento: ele sabe que pertence à vida. Contudo, nos salmos o sofrimento transforma-se em *interrogação*. Do sofrer ao perguntar.

E entre as muitas perguntas, há uma que permanece suspensa, como um brado incessante que percorre todo o livro de um lado ao outro. Uma pergunta, que repetimos muitas vezes: “*Até quando, Senhor? Até quando?*”. Cada dor pede libertação, cada lágrima invoca consolação, cada ferida aguarda a cura, cada calúnia, uma sentença de absolvição. “Até quando Senhor tenho que sofrer isto? Ouve-me Senhor!”: quantas vezes rezamos assim com este “até quando?”, Senhor, chega!

Ao fazer constantemente tais perguntas, os salmos ensinam-nos a não nos habituarmos à dor e lembram-nos que a vida não se salva, se não for curada. A existência do homem é um sopro, a sua história é fugaz, mas o orante sabe que é precioso aos olhos de Deus, e por isso *tem sentido bradar*. Isto é importante. Quando rezamos, fazemo-lo porque sabemos que somos preciosos aos olhos de Deus. É a graça do Espírito Santo que de dentro suscita em nós esta consciência: de ser preciosos aos olhos de Deus. E por isso somos induzidos a rezar.

A oração dos salmos é o testemunho deste grito: um brado múltiplo, porque na vida a dor assume mil formas, e tem o nome de doença, ódio, guerra, perseguição, desconfiança... Até ao supremo “escândalo”, o da morte. A morte aparece no Saltério como o inimigo mais irracional do homem: que crime merece um castigo tão cruel, que envolve a aniquilação e o fim? O orante dos salmos pede a Deus que intervenha onde todos os esforços humanos são vãos. É por isso que a oração, já em si mesma, é o caminho da salvação, o início da salvação.

Neste mundo todos sofrem: quer acreditemos em Deus quer o rejeitemos. Mas no Saltério, a dor torna-se *relação*, relação: um grito de ajuda à espera de encontrar um ouvido que ouça. Não pode permanecer sem sentido, sem propósito. Até as dores que sofremos não podem ser apenas casos específicos de uma lei universal: são sempre as “minhas” lágrimas. Pensai nisto: as lágrimas não são universais, são as “minhas” lágrimas. Cada um tem as próprias. As “minhas” lágrimas e a “minha” dor impelem-me a continuar com a oração. Sou as “minhas” lágrimas que jamais ninguém derramou antes de mim. Sim, muitos choraram, muitos. Mas as “minhas” lágrimas são as minhas, o “meu” sofrimento é meu, a minha dor é minha.

Antes de entrar na Sala, encontrei-me com os pais daquele sacerdote da diocese de Como que foi assassinado; ele foi morto no seu serviço para ajudar. As lágrimas daqueles pais são “deles” e cada um deles sabe quanto sofreu ao ver este filho que deu a sua vida ao serviço dos pobres. Quando queremos consolar alguém, não encontramos as palavras. Porquê? Porque não podemos chegar à sua dor, porque a “sua” dor é sua, as “suas” lágrimas são suas. O mesmo acontece connosco: as lágrimas, “a minha” dor é minha, as lágrimas são “minhas” e com estas lágrimas, com este sofrimento, dirijo-me ao Senhor.

Para Deus, todas as dores dos homens são sagradas. Assim reza o orante do salmo 56-55: «Vós conheceis os caminhos do meu exílio, vós recolhestes as minhas lágrimas no vosso cantil; não está tudo escrito no vosso livro?» (v. 9). Diante de Deus não somos desconhecidos, nem

números. Somos rostos e corações, conhecidos um por um, pelo nome.

Nos salmos, o crente encontra uma resposta. Ele sabe que mesmo se todas as portas humanas estiverem trancadas, a porta de Deus está aberta. Mesmo se o mundo inteiro emitisse um veredito de condenação, em Deus há salvação.

“O Senhor ouve”: às vezes na oração é suficiente saber isto. Os problemas nem sempre se resolvem. Quem reza não é um iludido: sabe que muitas questões da vida terrena permanecem sem solução, sem saída; o sofrimento acompanhar-nos-á e, após uma batalha, haverá outras que nos esperam. Mas se formos ouvidos, tudo se torna mais suportável.

A pior coisa que pode acontecer é sofrer no abandono, sem ser recordado. É disto que a oração nos salva. Pois pode acontecer, e até frequentemente, que não compreendamos os desígnios de Deus. Mas os nossos gritos não estagnam aqui na terra: elevam-se até Ele, que tem o coração de Pai e chora por cada filho e filha que sofre e morre. Digo-vos uma coisa: faz-me bem, nos maus momentos, pensar no pranto de Jesus, quando chorou olhando para Jerusalém, quando chorou diante do túmulo de Lázaro. Deus chorou por mim, Deus chora, chora pelas nossas dores. Porque Deus quis fazer-se homem, dizia um escritor espiritual, para poder chorar. Pensar que Jesus chora comigo na dor é uma consolação: ajuda-nos a seguir em frente. Se nos mantivermos numa relação com Ele, a vida não nos poupa os sofrimentos, mas abre-se a um grande horizonte de bem e encaminha-se para a sua realização. Coragem, em frente com a oração. Jesus está sempre ao nosso lado.

Saudações:

Dirijo uma cordial saudação aos fiéis de língua portuguesa. Amanhã celebramos a festa de Santa Teresa de Jesus: Mestra da vida espiritual, ensinava que a oração “outra coisa não é senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com quem sabemos que nos ama”. Aprendei a crescer sempre mais nesta relação de amizade, usando as palavras do Livro dos Salmos. Que Deus vos abençoe a vós e a vossos entes queridos!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Na Bíblia encontramos orações de diversos tipos e há um livro composto somente de orações: o livro dos Salmos. Trata-se de uma obra que nasce da experiência do diálogo com o Senhor e nela aprendemos a linguagem da oração: Deus mesmo nos ensina as palavras para falarmos com Ele, para louvá-Lo, suplicar-Lhe, invocá-Lo na saúde e na dor, para narrar as suas maravilhas. Neste

livro estão refletidos todos os sentimentos humanos: alegrias, tristezas, dúvidas, esperanças, amarguras e sobretudo o sofrimento, que aqui aprendemos a converter em súplica. De fato, nos Salmos o homem que ora reconhece-se precioso aos olhos de Deus, e eleva as suas preces, confiante de que todo o sofrimento reclama uma libertação, toda lágrima invoca uma consolação, toda ferida espera uma cura. De modo especial, diante da morte - o mais absurdo dos inimigos do homem - o salmista clama por uma resposta, sabendo que somente Deus pode intervir onde todos os esforços humanos resultam vãos. E, embora nem sempre encontremos uma resposta clara aos nossos clamores, uma vez que os desígnios de Deus permanecem para além da nossa compreensão, sabemos que Ele sempre nos escuta e isso nos ajuda a suportar as dificuldades e nos abre para o horizonte da salvação eterna.